

PECEP

pré-vestibular social

O cortiço

(parte 4)

O cortiço

Lista de recursos

-  [PDF mais simples](#)
-  [PDF mais organizado para leitura em tela](#)
-  [Filme de 1978](#)
-  [Audiolivro](#)
-  [Audiolivro comentado!!!](#)
-  [Link Revista Superinteressante](#)
-  [Leitura coletiva](#)
-  [Resumo por capítulo](#)

relação de sentido!



Relações semânticas: sinonímia, antonímia, ambiguidade, polissemia; metalinguagem; conhecimento lexical, expressões idiomáticas, formação de palavras; metáfora, metonímia, personificação, hipérbole, antítese, paradoxo, eufemismo, ironia

ambiguidade
polissemia
metalinguagem
metáfora
metonímia
personificação
hipérbole
antítese
paradoxo
eufemismo
ironia



ambiguidade	→ duplo sentido do enunciado
polissemia	→ termo que apresenta mais de um significado
metalinguagem	→ uso da linguagem para falar da própria linguagem
metáfora	→ comparação implícita entre dois elementos
metonímia	→ a parte é tomada pelo todo ou o todo é tomado pela parte
personificação	→ atribuição de qualidades ou ações humanas a animais, objetos inanimados
hipérbole	→ exagero intencional de uma ideia
antítese	→ emprego de palavras que têm sentido oposto
paradoxo	→ existência de uma contradição entre ideias
eufemismo	→ suavização da mensagem
ironia	→ representação do contrário do que se pretende afirmar

Questão

19

No início do capítulo I, o médico Simão Bacamarte explica que se casou com D. Evarista porque ela “estava assim apta para dar-lhe filhos robustos, sãos e inteligentes”, mas logo em seguida observa que ela “não lhe deu filhos robustos nem mofinos”.

As duas informações do personagem anunciam para o leitor o seguinte tom predominante da narrativa:

- (A) irônico
- (B) trágico
- (C) apelativo
- (D) melancólico

Questão 10 | No início do capítulo I, o médico Simão Bacamarte explica que se casou com D. Evarista porque ela “estava assim apta para dar-lhe filhos robustos, são e inteligentes”, mas logo em seguida

Eixo disciplinar: construção do texto.

Item do programa: relações semânticas.

a

Subitem do programa: metáfora, metonímia, personificação, hipérbole, antítese, eufemismo, ironia.

Objetivo: discriminar tom predominante em uma narrativa, anunciado em declaração inicial de um personagem.

Quando o protagonista de “O Alienista” conclui que sua esposa “estava assim apta para dar-lhe filhos robustos, são e inteligentes”, mas não questiona o próprio raciocínio ao observar que, por fim, ela “não lhe deu filhos robustos nem mofinos”, ou seja, que não lhe deu filho algum, constrói-se uma ironia, predominante nessa narrativa. Tal ironia induz o leitor a questionar o próprio protagonista da história que está lendo, como o faz Machado de Assis na quase totalidade dos seus contos e romances.

Percentual de acertos: 65,15%

Nível de dificuldade: Médio (acima de 30% e igual ou abaixo de 70%)

Questão

21

A loucura, objeto dos meus estudos, era até agora uma ilha perdida no oceano da razão; começo a suspeitar que é um continente. (capítulo IV)

Ao definir o campo de seu objeto de estudos, o alienista recorre à figura de linguagem denominada:

- (A) metáfora
- (B) hipérbole
- (C) paradoxo
- (D) eufemismo

COMENTÁRIO

Eixo disciplinar: construção do texto.

Item do programa: relações semânticas.

Subitem do programa: metáfora, metonímia, personificação, hipérbole, antítese, eufemismo, ironia.

Objetivo: identificar figura de linguagem empregada em um fragmento do texto.

A metáfora é uma comparação subentendida, ou concentrada num único termo. Quando o alienista entende primeiro que a loucura, seu campo de estudos, é "uma ilha perdida no oceano da razão", e depois, que a loucura é na verdade "um continente", ele recorre a duas comparações subentendidas, isto é, a duas metáforas espaciais, para definir o seu "campo" (outra metáfora) de estudos. De acordo com a primeira, a "loucura", tal como uma "ilha perdida em um oceano", é percebida como tendo dimensão reduzida e valor pouco significativo; na segunda, a "loucura", tal como um "continente", é compreendida como tendo dimensão ampla e, por isso, possivelmente mais complexa.

Percentual de acertos: 74,83%

Nível de dificuldade: Fácil (acima de 70%)

Um exemplo de metalinguagem, que é o uso de uma linguagem para descrever a si mesma, encontra-se em:

- (A) Mas não se iluda, Lucy não pertence à linhagem que deu origem aos macacos modernos. (ℓ. 5-6)
- (B) Lucy já foi chamada de elo perdido, o ponto de bifurcação que nos separou dos nossos parentes mais próximos. (ℓ. 14-15)
- (C) Muitos ossos de Lucy foram encontrados quebrados, seus fragmentos espalhados pelo chão. (ℓ. 18)
- (D) Uma queda de 20 a 30 metros e Lucy atingiria o solo a 60 km/h, o suficiente para matar uma pessoa e causar esse tipo de fratura. (ℓ. 27-28)

Um exemplo de metalinguagem, que é o uso de uma linguagem para descrever a si mesma, encontra-se em:

- (A) Mas não se iluda, Lucy não pertence à linhagem que deu origem aos macacos modernos. (ℓ. 5-6)
- (B) Lucy já foi chamada de elo perdido, o ponto de bifurcação que nos separou dos nossos parentes mais próximos. (ℓ. 14-15)
- (C) Muitos ossos de Lucy foram encontrados quebrados, seus fragmentos espalhados pelo chão. (ℓ. 18)
- (D) Uma queda de 20 a 30 metros e Lucy atingiria o solo a 60 km/h, o suficiente para matar uma pessoa e causar esse tipo de fratura. (ℓ. 27-28)

COMENTÁRIO

Eixo interdisciplinar: construção do texto.

Item do programa: relações semânticas.

Subitem do programa: metalinguagem.

Objetivo: exemplificar uso de metalinguagem em um enunciado.

Na frase "Lucy já foi chamada de elo perdido, o ponto de bifurcação que nos separou dos nossos parentes mais próximos", o autor recupera uma expressão bastante difundida, a saber "elo perdido", atribuindo a Lucy essa designação. Sinalizado pelo emprego da vírgula, o trecho seguinte é utilizado para descrever a expressão utilizada anteriormente. Desse modo, a linguagem descreve o emprego da expressão anterior.

Percentual de acertos: 61,96%

Nível de dificuldade: Médio (acima de 30% e igual ou abaixo de 70%)

Metonímia é a figura de linguagem em que a parte representa o todo, ou vice-versa. No romance, a protagonista Macabéa constitui uma metonímia de todos os:

- (A) excluídos
- (B) românticos
- (C) indiferentes
- (D) privilegiados

COMENTÁRIO

Em diversas crônicas do livro, o autor constrói uma relação entre as noções de verdade e mentira,

{ Eixo interdisciplinar: construção do texto.

{ Item do programa: relações semânticas.

{ Subitem do programa: metáfora, metonímia, personificação, hipérbole, antítese, paradoxo, eufemismo, ironia.

{ Objetivo: discriminar tipo de relação construída entre as noções de verdade e mentira em diferentes crônicas.

{ Em diversas crônicas do livro *As mentiras que os homens contam*, o autor constrói uma relação entre as noções de verdade e mentira, de tal modo que se enfraquece a distinção entre esses termos – este é o processo em análise na questão. O enfraquecimento da distinção entre as noções de verdade e mentira mostra que, muitas vezes, dependendo do contexto e da perspectiva, a verdade ou parecerá mentira ou até mesmo se revelará mentira, assim como a mentira ou parecerá verdade ou até mesmo se revelará verdade. A relação entre essas noções, construída pelo autor, pode então ser caracterizada como paradoxal, uma vez que o paradoxo se define como aquele sentido que escapa ao senso comum ou o subverte. Para o senso comum, uma coisa não pode ser, ao mesmo tempo, o seu contrário: uma verdade não pode ser, ao mesmo tempo, uma mentira; uma mentira não pode ser, ao mesmo tempo, uma verdade. A construção da própria palavra “paradoxo” já contempla esse significado, porque “doxa” é o termo grego para “senso comum”. Logo, um “para-doxo” pode ser entendido como significado paralelo à doxa, portanto, um significado que escapa ao senso comum ou até mesmo o subverte.

Gabarito: A

Percentual de acertos: 76,47

Nível de dificuldade: Fácil

Eixo interdisciplinar 1: construção do texto.

Item do programa 1: relações semânticas.

Subitem do programa 1: metáfora, metonímia, personificação, hipérbole, antítese, paradoxo, eufemismo, ironia.

Eixo interdisciplinar 2: aspectos literários.

Item do programa 2: elementos da narrativa.

Subitem do programa 2: construção de personagens.

Objetivo: reconhecer, com base em metáfora presente em uma frase do texto, o tema principal da crônica.

A frase "O Falcão é uma águia", na crônica "O Falcão", é uma piada que se constrói sobre a polissemia da palavra "Falcão". Literalmente, trata-se não só de nome próprio ou alcunha de um personagem que não aparece na história, é apenas citado, como também de ave de rapina, que não se deveria confundir com uma águia, outra ave de rapina, e muito maior do que um falcão. Metaforicamente, dizer que alguém é uma águia é afirmar que a pessoa em questão é perspicaz e, portanto, difícil de ser enganada. Desse modo, na piada, um ser humano é designado por duas espécies de aves de rapina – falcão e águia – e por seus atributos metafóricos. Isso aponta para o tema principal da crônica, a saber, a confusão de identidade entre Antônio, protagonista e vítima, e um perspicaz criminoso conhecido como Falcão. Essa confusão é feita pelos homens que sequestram Antônio para executá-lo.

Gabarito: B

Percentual de acertos: 70,31%

Nível de dificuldade: Fácil

ara o tema

CF Eixo interdisciplinar: construção do texto.

Item do programa: relações semânticas.

Subitem do programa: metáfora, metonímia, personificação, hipérbole, antítese, paradoxo, eufemismo, ironia.

Objetivo: identificar figura de linguagem presente em uma frase do texto.

Na crônica "Espelhos", o espelho normal, ou tradicional, mostra a Verdade, isto é, como verdadeiramente somos, como de fato aparecemos aos olhos dos outros, enquanto um futuro espelho digital mostraria o que quiséssemos que ele nos mostrasse, dependendo da tecla

- Co
fig
- apertada: "Verdade" ou "Escolha Você Mesmo". Apertando a segunda, aparecemos magros se somos gordos, bonitos se somos feios, fortes se somos fracos, por exemplo. Note-se que o pronome "você" representa quem lê a frase, ou seja, a pessoa que se olha no espelho e que pode manipular a própria imagem, em vez de se deparar com o mero reflexo que um espelho possibilita.
- (A) Essa manipulação não é, portanto, uma escolha do espelho, objeto que apenas conteria novos recursos para quem o usa, diferentemente dos espelhos comuns. Como se pode concluir, "Escolha Você Mesmo" equivale a "Minta", "Manipule". Desse modo, a frase suaviza a ação que, de fato, a tecla realiza: refletir uma mentira, constituindo, portanto, um eufemismo. Eufemismo, como se sabe, é a palavra ou locução mais agradável de que se lança mão para suavizar outra palavra ou locução menos agradável ou mesmo mais grosseira. Cabe destacar, ainda, que a análise proposta recai apenas sobre o enunciado "Escolha você mesmo", no qual não se reconhecem termos/ideias em oposição nem a expressão de um exagero.

Gabarito: C

Percentual de acertos: 42,12%

Nível de dificuldade: Médio

á séculos
ntarão o
nará em
o digital

da seguinte

Diferentes contos, como ***Passaporte***, ***Copacabana*** e, especialmente, ***Para Clarice Lispector, com candura***, abordam o próprio trabalho artístico, em diferentes perspectivas.

Nesse processo de usar a literatura para tematizar a própria literatura, mobiliza-se um recurso denominado:

- (A) antítese
- (B) metáfora
- (C) particularização
- (D) metalinguagem

COMENTÁRIO

até o cochicho dele é um cochichão que a gente ouve lá da esquina. E então ele foi cochichãozando que o meu Amigo tinha ficado marcado (p. 29)

Uma das características da escrita de Lygia Boiunga é a criação de palavras, como as sublinhadas

COMENTÁRIO

Eixo interdisciplinar: aspectos literários.

Item do programa: recursos estilísticos.

Subitem do programa: formas dos vocábulos; efeitos de sentido decorrentes de usos expressivos da linguagem.

Eixo interdisciplinar: construção do texto.

Item do programa: relações semânticas.

Subitem do programa: conhecimento lexical, expressões idiomáticas, formação de palavras.

Objetivo: identificar sentido associado a sufixo acrescentado em um neologismo.

Da palavra "cochicho", a autora de "Meu Amigo Pintor" forma dois neologismos, ou seja, duas palavras novas: "cochichão" e "cochichãozando". Se "cochicho" significa um comentário feito em voz muito baixa, de preferência no ouvido do interlocutor, um "cochichão" indica alguém que tenta fazer um cochicho, mas fala tão alto que se "ouve lá da esquina". Em cima do neologismo "cochichão", a autora acrescenta uma desinência verbal de gerúndio e forma um novo neologismo, para indicar o próprio processo de cochichar.

COMENTÁRIO

Eixo interdisciplinar 1: aspectos literários.

Item do programa 1: elementos da narrativa.

Subitem do programa 1: narrador, foco narrativo, índices narrativos.

Eixo interdisciplinar 2: construção do texto.

Item do programa 2: relações semânticas.

Subitem do programa 2: metalinguagem.

Objetivo: identificar a presença de um recurso metalinguístico em passagem do texto.

Através de um recurso metalinguístico, o narrador revela consciência de que é um narrador, revela consciência de que está contando uma história, quando diz que "Mas não era isso que eu queria contar. Eu queria era dizer que na terça-feira, quando cheguei da escola, eu fiquei sabendo que ele tinha morrido". A primeira frase do trecho destacado já mostra que ele queria contar alguma coisa. Não se cobra, nessa questão, o conceito de metalinguagem, mas sim a identificação da presença de um recurso metalinguístico.

Gabarito: B.

Percentual de acertos: 82,40%.

Nível de dificuldade: fácil.



Eixo disciplinar:

Item 1: relações semânticas.

IS

Subitem: metáfora, metonímia, personificação, hipérbole, antítese, eufemismo, ironia.

Objetivo: reconhecer figura de linguagem relacionada à composição de personagens da narrativa.

A metonímia é uma figura de linguagem em que se representa o todo pela parte ou a parte pelo todo. Nesse sentido, por exemplo, é possível dizer “estou lendo Paulina Chiziane”, quando, de fato, se está lendo apenas um de seus romances. Em Niketche, todo o conflito se desenvolve em torno de Tony e suas cinco mulheres, que provêm de diferentes partes de Moçambique, país fortemente marcado pela pluralidade étnica. Pode-se dizer que Moçambique é apresentado, portanto, por essas cinco personagens, que formam uma espécie de mosaico. Cada uma delas representa uma etnia, e as particularidades culturais e geográficas desses grupos são debatidas ao longo da narrativa por meio da ação das próprias personagens.

Gabarito: C.

Percentual de acertos: 49,58%.

Nível de dificuldade: Médio.

No texto, apresenta-se o princípio que estrutura as metáforas por meio da seguinte palavra sublinhada:

- (A) examinar realidades, conceitos e teorias novas de uma maneira prática. (ℓ. 15)
- (B) situações complexas em que a literalidade acaba sendo tediosa, (ℓ. 17-18)
- (C) Comparações ruins levam a políticas ruins, (ℓ. 26-27)
- (D) No campo da medicina, tem havido mudanças de paradigma (ℓ. 28)

COMENTÁRIO

Para expor um ponto de vista, o autor se vale de ironia no seguinte trecho:

- (A) arma de mobilização eleitoral que o populismo de direita não inventou agora. (ℓ. 7-8)
- (B) o mar de lama do Palácio do Catete ganhou um ar até bucólico de poça d'água, (ℓ. 14-15)
- (C) Na tradição rural – vastíssima nos sentidos geográfico e histórico (ℓ. 17)
- (D) O oceano goza de boa reputação científica como provável criadouro da vida (ℓ. 29)

JOANA:

(...)

Seu povo é que é urgente, força cega,

nem futuro, que uma simples piada
pode dar em risada ou punhalada

COMENTÁRIO

Eixo interdisciplinar: construção de texto.**Item do programa:** relações semânticas.**Subitem do programa:** metáfora, metonímia, personificação, hipérbole, antítese, eufemismo, ironia.**Objetivo:** identificar figura de linguagem empregada em fala de personagem.

Ao caracterizar o povo brasileiro, Joana recorre a uma sequência de antíteses, mostrando que uma simples piada pode gerar reações opostas, como uma risada ou uma punhalada, assim como a mesma garrafa de cachaça pode ter consequências igualmente opostas – ora carnaval, portanto alegria, ora desgraça, portanto tristeza.

Gabarito: C.**Percentual de acertos:** 41,68%.**Nível de dificuldade:** médio (acima de 30% e igual ou abaixo de 70%).

fazenda é o camarada que ao chão se deu. (l. 2)

No verso da canção de Milton Nascimento, o poeta apresenta uma definição da palavra “fazenda”.

Com base na primeira estrofe, essa definição destaca o seguinte elemento do contexto descrito:

- (A) riqueza da propriedade
- (B) expectativa de liberdade
- (C) dedicação do trabalhador
- (D) necessidade de autonomia

Palavras de um mesmo campo de significados podem indicar diferentes valores, como o de definição de um elemento e o de resultado de um processo.

Esses dois valores estão exemplificados, respectivamente, no seguinte par de palavras:

- (A) africanos (ℓ. 5) – africanizado (ℓ. 35)
- (B) desterritorialização (ℓ. 9) – desterro (ℓ. 21)
- (C) escravocrata (ℓ. 27) – escravo (ℓ. 38)
- (D) Brasil (ℓ. 22) – brasileiro (ℓ. 37)

COMENTÁRIO

QUES
1

Eixo interdisciplinar: construção do texto.

Item do programa: relações semânticas.

Subitem do programa: eufemismo, personificação.

Objetivo: identificar trecho em que eufemismo e personificação se combinam.

No texto, o autor apresenta o caso recentemente ocorrido em uma cidade italiana, mobilizada pela iniciativa de gravação dos sons emitidos por violinos Stradivarius. Ao situar a necessidade de tal procedimento, o autor afirma que esses instrumentos, por terem sido fabricados séculos atrás, em breve serão "colocados para dormir". Como se observa, a imagem construída pelo trecho terá destaque, justamente por anunciar o desgaste definitivo dos instrumentos. Desse modo, no trecho, combinam-se o eufemismo – sugerindo o abrandamento da ideia de desgaste definitivo – com a personificação – atribuindo ação humana a objeto inanimado.

Gabarito: D.

Percentual de acertos: 62,32

Nível de dificuldade: Médio (acima de 30% e igual ou abaixo de 70%)

COMENTÁRIO

Eixo interdisciplinar: construção do texto.

Item do programa 1: relações semânticas.

Subitem do programa 1: personificação.

Eixo interdisciplinar 2: aspectos literários.

Item do programa 2: elementos da narrativa.

Subitem do programa 2: construção de personagens.

Objetivo: identificar elementos de construção da personificação no conto.

Bem e Mal são conceitos abstratos, mas no conto de Marina Colasanti eles se apresentam concretizados, porque personificados, como se comprova pelas ações que executam: eles "se encontram", "escolhem as armas", "aproximam-se para o encontro", "encaram-se", "guardam as armas", "se envolvem em suas capas" e "caminham".

Gabarito: A

Percentual de acertos: 77,25

Nível de dificuldade: Fácil (acima de 70%)

Chamada

Descrição de
Firmo,
“namorado”
de Rita Baiana

Como explicar o
pensamento de
Firmo?
O que são “**saías**” e
“**cobre**” nesse
contexto?

De que maneira
essa **generalização**
ajuda a construir o
argumento
determinista do
livro?

Uso do diminutivo
aqui:

- (a) deboche
- (b) intensidade
- (c) tamanho

Era oficial de torneiro, oficial perito e vadio; ganhava uma
às vezes, porém, os dados ou a roleta multiplicavam-lhe o dinheiro
naqueles últimos três meses: afogava-se numa boa pândega com
outra. “O que não faltava por aí eram saías para ajudar um homem
diabo!” Nascera no Rio de Janeiro, na Corte; militara dos doze
malta de capoeiras; elegera a decidir eleições nos tempos do voto
segredo. Recebeu abraços, presentes e palavras de gratidão
Chamava a isso a sua época de paixão política, mas depois de
uma de governo e renunciou às lutas eleitorais, pois não conseguira nunca o lugar
numa repartição pública — o seu ideal! — Setenta e três réis mensais: trabalho das
coisas.
Rita Baiana era uma coisa muito complicada e vinha de longe;
ela estava **chegadinha** de fresco da Bahia, em companhia da
arrancar as tripas ao Manduca da Praia. A cafuza morreu e o
mas pouco depois se separaram por ciúmes, o que aliás não
mais tarde, e que de novo brigassem e de novo se
apesar de volúvel como toda a mestiça, não
metia-se com outros, é certo, de quando em quando, e o Firmo
então pintava o caneco, dava por paus e por pedras, enchia-a de bofetadas, mas, afinal, ia
procurá-la, ou ela a ele, e ferravam-se de novo, cada vez mais ardentes, como se aquelas
turras constantes reforçassem o combustível dos seus amores.

Desde a entrada dos dois, a casa de Rita esquentou. Ambos tiraram os paletós e mandaram vir parati, “a abrideira para muqueca baiana”. E não tardou que se ouvissem gemer o cavaquinho e o violão.

Ao lado chegava também o homem da das Dores, com um companheiro do comércio; vinham vestidos de fraque e chapéu alto. A Machona, Nenen e o Agostinho, já de volta do seu passeio à cidade, lá estavam ajudando. Ficariam para o rega-bofe.

Um rumor quente, de dia de festa, ia-se formando naquele ponto da estalagem.

Jerônimo e sua mulher foram convidados para ambas as mesas, mas não aceitaram o convite para nenhuma, dispostos a passar a tarde ao lado um do outro, tranqüilamente como sempre, comendo em boa paz o seu cozido à moda da terra e bebendo o seu *quartilho* de verde pela mesma infusa.

Entretanto, os dois jantares vizinhos principiaram ruidosos logo desde a sopa e assanharam-se progressivamente.

Meia hora depois vinha das duas casas uma algazarra infernal. Falavam e riam todos ao mesmo tempo; tilintavam os talheres e os copos. Cá de fora sentia-se perfeitamente o prazer que aquela gente punha em comer e beber à farta, com a boca cheia, os beiços envernizados de molho gordo. Alguns cães rosnavam à porta, roendo os ossos que traziam lá de dentro. De vez em quando, da janela de uma das casas aparecia uma das moradoras, chamando a vizinha, para entregar um prato cheio, permutando as duas entre si os quitutes e as petisqueiras em que eram mais peritas.

— Se se incomodam com a gente... os incomodados são os que se mudam! Ora pistolas!
— O domingo fez-se pra gozar!... resmungou o Bruno, deixando as pernas e os braços cruzados sobre a mesa.

Mas ergueu-se logo, cambaleando, e acrescentou, de repente, com um tom de desafio no rosto:

— Eles que se façam finos, que os racho!

O Alexandre procurou acalmá-lo, dando-lhe um charuto.

As partículas “se”,
em cada caso,
servem a propósitos
diferentes.
Quais?

O Miranda apareceu furioso à janela, com o seu tipo de comendador, a barriga empinada para a frente, de paletó branco, um guardanapo ao pescoço e um trinchante empunhado na destra, como uma espada.

— Vão gritar pra o inferno, com um milhão de raios! berrou ele, ameaçando para baixo. Isto também já é demais! Se não se calam, vou daqui direito chamar a policia! Súcia de brutos!

Com os berros do Miranda muita gente chegou à porta de casa, e o coro de gargalhadas, que ninguém podia conter naquele momento de alegria, ainda mais o pôs fora de si.

— Ah, canalhas! O que eu devia fazer era atirar-lhes daqui, como a cães danados!

Acendeu-se o lampião do pátio. Iluminaram-se diversas janelas das casinhas.

Agora, no sobrado do Miranda é que era o maior barulho. Saia de lá uma terrível gritaria de hipes e hurras, virgulada pelo desarrolhar de garrafas de champanha.

— Como eles atacam!... observou Alexandre, já de novo sem farda.

— E, no entanto, reprovam que a gente coma o que é seu com um pouco mais de alegria! comentou a Rita. Uma súcia!

Nisto começou a gemer à porta do 35 uma guitarra; era de Jerônimo. Depois da ruidosa alegria e do bom humor, em que palpitara àquela tarde toda a república do cortiço, ela parecia ainda mais triste e mais saudosa do que nunca:

“Minha vida tem desgostos,
Que só eu sei compreender...
Quando me lembro da terra
Parece que vou morrer...”

E, com o exemplo da primeira, novas guitarras foram acordando. E, por fim, a monótona cantiga dos portugueses enchia de uma alma desconsolada o vasto arraial da estalagem, contrastando com a barulhenta alacridade que vinha lá de cima, do sobrado do Miranda.

“Terra minha, que te adoro,
Quando é que eu te torno a ver?

Leva-me deste desterro;
Basta já de padecer.”

O chorado arrastava-os a todos, despoticamente, desesperando-os a dançar. Mas, ninguém como a Rita; só ela, só aquele demônio, tinha naqueles movimentos de cobra amaldiçoada; aqueles requebros que não cheiro que a mulata soltava de si e sem aquela voz doce, quebrada, harmoniosa e suplicante.

Vamos colecionar as **metáforas** sobre Rita Baiana nesse trecho, pelo olhar do Jerônimo.

E Jerônimo via e escutava, sentindo ir-se-lhe toda a alma pelos olhos encharcados.

Naquela mulata estava o grande mistério, a síntese das impressões que ele recebeu chegando aqui: ela era a luz ardente do meio-dia; ela era o calor vermelho das sestas da fazenda; era o aroma quente dos trevos e das baunilhas, que o atordoara nas matas brasileiras; era a palmeira virginal e esquiva que se não torce a nenhuma outra planta; era o veneno e era o açúcar gostoso; era o sapoti mais doce que o mel e era a castanha do caju, que abre feridas com o seu azeite de fogo; ela era a cobra verde e traiçoeira, a lagarta viscosa, a muriçoca doida, que esvoaçava havia muito tempo em torno do corpo dele, assanhando-lhe os desejos, acordando-lhe as fibras embambecidas pela saudade da terra, picando-lhe as artérias, para lhe cuspir dentro do sangue uma centelha daquele amor setentrional, uma nota daquela música feita de gemidos de prazer, uma larva daquela nuvem de cantáridas que zumbiam em torno da Rita Baiana e espalhavam-se pelo ar numa fosforescência afrodisíaca.

Isto era o que Jerônimo sentia, mas o que o tonto não podia conceber. De todas as impressões daquele resto de domingo só lhe ficou no espírito o entorpecimento de uma desconhecida embriaguez, não de vinho, mas de mel chuchurreado no cálice de flores americanas, dessas muito alvas, cheirosas e úmidas, que ele na fazenda via debruçadas confidencialmente sobre os limosos pântanos sombrios, onde as oiticicas trescalam um aroma que entristece de saudade.

E deixava-se ficar, olhando. Outras raparigas dançaram, mas o português só via a mulata, mesmo quando, prostrada, fora cair nos braços do amigo. Piedade, a cabecear de sono, chamara-o várias vezes para se recolherem; ele respondeu com um resmungo e não deu pela retirada da mulher.

Passaram-se horas, e ele também não deu pelas horas que fugiram.

Só deu por si, quando, já pela madrugada, se calaram de todo os instrumentos e cada um dos folgadores se recolheu à casa.

E viu a Rita levada para o quarto pelo seu homem, que a arrastava pela cintura.

Jerônimo ficou sozinho no meio da estalagem. A lua, agora inteiramente livre das nuvens que a perseguiam, lá ia caminhando em silêncio na sua viagem misteriosa. As janelas do Miranda fecharam-se. A pedreira, ao longe, por detrás da última parede do cortiço, erguia-se como um monstro iluminado na sua paz. Uma quietação densa pairava já sobre tudo; só se distinguiam o bruxulear dos pirilampos na sombra das hortas e dos jardins, e os murmúrios das árvores que sonhavam.

Mas Jerônimo nada mais sentia, nem ouvia, do que aquela música embalsamada de baunilha, que lhe entontecera a alma; e compreendeu perfeitamente que dentro dele aqueles cabelos crespos, brilhantes e cheirosos, da mulata, principiavam a formar um ninho de cobras negras e venenosas, que lhe iam devorar o coração.

E, erguendo a cabeça, notou no mesmo céu, que ele nunca vira senão depois de sete horas de sono, que era já quase ocasião de entrar para o seu serviço, e resolveu não dormir, porque valia a pena esperar de pé.